

João FERREIRA

Verbete in *Dicionário Crítico de Filosofia Portuguesa*, coord. Maria L. S. GANHO, Temas e Debates / Círculo de Leitores: Lisboa, 2016, pp. 169-172

Professor universitário. Após o Ensino primário na terra natal, realiza os estudos secundários no Colégio de Montariol, em Braga, entre 1938 e 1943, com o propósito de ingressar na Ordem Franciscana, o que acontecerá entre 1944 e 1950, período em que cursa Filosofia em Braga e Teologia em Lisboa, no Seminário Franciscano da Luz. De 1950 a 1953 frequentou o Pontifício Ateneu Antoniano de Roma, instituição da Ordem Franciscana, onde obteve bacharelato, licenciatura e láurea em Filosofia. Durante esse período, em 1952, encontra-se em Lyon onde, após pesquisa documental na Bibliothèque de la Ville, elabora o ensaio *As Sùmulas Logicas de Pedro Hispano e Seus Comentadores*, facto que marcará o primeiro afloramento da sua atividade científica junto dos estudiosos da Filosofia Portuguesa. Na etapa final da elaboração da tese doutoral, correndo o ano de 1953, estagia no Centro de investigação e preparação de edições críticas de textos medievais em Quaracchi, nas imediações de Florença. No seguimento da defesa pública da tese de doutoramento *Petrus Hispanus eiusque relatio psychologica relate ad Avicennam*, de que será publicada parte, em 1953, com o título *O Augustinismo Avicenizante e a Teoria dos Intelectos em Pedro Hispano*, regressa a Portugal para lecionar no Seminário Franciscano de Leiria disciplinas de Ontologia, Lógica, Teodiceia, Pedagogia, Introdução à Filosofia, História da Filosofia Medieval e História da Filosofia Portuguesa, exercendo também a função de diretor da revista de cultura *Itinerarium*, relativamente à qual procura incutir uma orientação de índole filosófica, histórica e cultural e abri-la à colaboração internacional. Entre 1963 e 1965, supervisiona, na

Guiné-Bissau, à data Guiné Portuguesa), mais ole 500 estabelecimentos de ensino da Prefeitura Apostólica, rede que abrangia escolas primárias, escolas de formação de professores, e escolas de artes e ofícios, após o que, regressado a Lisboa, assume a leção de Ética no Instituto Superior de Línguas e Administração. Entre 1966 e 1967 dirige-se para Roma como docente de Filosofia Antiga, no Ateneu Pontifício Antoniano. Em 1968, a convite de Agostinho da Silva, rumo para o Brasil para lecionar no Centro Universitário de Brasília (mais tarde Universidade de Brasília), onde realizará carreira académica até ao nível de Professor Titular. Foi, até ao momento da sua jubilação, docente e investigador do Departamento de Literatura da Universidade de Brasília, exercendo diversos outros cargos culturais e administrativos, quer académicos, quer públicos e ministeriais, além da leção no ensino superior particular, continuando no presente a exercer a sua atividade no Centro Universitário de Brasília-Uniceub. Inconformável aos rígidos moldes de uma cartilha, escola ou corrente, mas sem o estigma do pensador solitário, resulta difícil a definição e a classificação do pensamento de João Ferreira. «Cosmopolita», por um lado, «lusobrasileiro», por outro, estes rótulos exprimem peculiares sintomas de um pensamento que, no essencial, encarna o sentido de uma vivida síntese de continuidades e descontinuidades, simultaneamente una e diferenciada, onde o Atlântico não mede o intervalo da longitudinal distância entre duas mundividências, mas se consagra como rica mediação da arte de ser universal-concretamente lusófono. Nessa pluralidade, o pensamento de João Ferreira desenvolve-se em cinco vetores fundamentais. No primeiro, versando a problemática da pertinência de uma filosofia nacional portuguesa, colhida nos textos dos seus representantes nacionais. No segundo, materializando essa preocupação no estudo de Pedro Hispano, para João o Ferreiro o primeiro grande

representante do pensamento filosófico português, e de quem se tornará em Portugal um dos mais versados especialistas. No terceiro, equacionando o sentido do saudosismo português na história literária, sobretudo no enalço da pena de Pascoaes. No quarto, explorando índices existenciais e essenciais nas obras de Kierkegaard, Marcel, Camus, Sartre, Heidegger e Zubiri. No quinto, equacionando a relação entre literatura e filosofia, e nesse sentido sondando o fundamento da hermenêutica e crítica literária (investigação que originará a criação de uma cadeira de Filosofia e Literatura na Universidade de Brasília). Tais vetores adensam-se em trilho próprio numa itinerância existencial e intelectual que se iniciará, entre 1950 e 1968, em Roma, onde há de cultivar e acalentar a ideia de uma filosofia de fisionomia e alma portuguesas. Como corolário dessa opção intelectual, organizará, a título experimental, uma resenha de títulos da produção filosófica que então se realizava em Portugal, e que originará a primeira tentativa para o estabelecimento de uma *Bibliografia Filosófica Portuguesa*, referente aos anos de 1955 a 1959, publicada na revista *Itinerarium*, em vários números, de 1957 a 1960. Em 1960, publica na *RPF* o primeiro esboço de um *Roteiro Histórico da Filosofia Portuguesa*. A João Ferreira, coadjuvado pelos contributos da lavra textual de Delfim Santos e Lúcio Craveiro, se fica a dever também o que pode ser considerado como o primeiro projeto de um Curso de História da Filosofia Portuguesa (adiante CHFP), redigido e policopiado em 1960, com carácter provisório, para restrito uso dos estudantes do Curso de Filosofia ministrado no Convento da Portela (Leiria). Esse curso surgirá publicado sob a coordenação de António de Sousa Araújo, em versão integral, *ipsis verbis*, na separata da revista *Itinerarium* (Ano XLVI, 168, 2000, pp. 389-480), com a marca de contributo decisivo para a dilucidação histórica do problema da especificidade e desenvolvimento de uma «filosofia portuguesa»

como alternativa às teses mais apologistas de uma Filosofia «em» Portugal (Ibid. 393). A saída a lume de *Existência e Fundamentação Geral do Problema da Filosofia Portuguesa*, em 1965, constituirá no essencial o que embrionariamente já se esboçava no CHFP. Aí João Ferreira colige estudos já não com o intuito histórico de elencar e caracterizar fases evolutivas de escolas, correntes e vultos, mas de sondar o alcance e a legitimidade de uma Filosofia portuguesa. Num determinado sentido, filia-se de direito próprio nessa estirpe que Elísio Gala designa por «primeira geração» de estudiosos da Filosofia portuguesa (cf. *A Filosofia Política de Álvaro Ribeiro*, 1999, p. 222), inscrevendo com voz própria o diagnóstico do problema na agenda aberta pela controvérsia mais ou menos inflamada entre «publicistas», segundo os quais a filosofia pulsa no génio e no património espirituais de cada povo (cuja arte de iniciação só os círculos informais de «boca a ouvido» providenciariam como antídoto dos rígidos padrões académicos), e «universitários», para quem as expressões culturais de um povo se encontram subsumidas no dispositivo universal do conceito e no aparato formal e sistémico da lógica que o expressa (cuja técnica de ensino só a instituição escolar poderia garantir para evitar a desorganização do seu nicho epistémico). O conhecimento das regras de jogo da vida académica, por um lado, e, por outro, uma incursão na tertulia “Filosofia Portuguesa” que juntava no Café Palladium em Lisboa personalidades como Alvaro Ribeiro, José Marinho, António Quadros, Sant’Anna Dionísio, Orlando Vitorino, António Telmo e outras, facultou-lhe uma visão integrada e crítica da amplitude do problema: «[...] A verdade perseguida pela intenção filosófica, é, [...] a-espacial e intemporal exigência natural do espírito humano, que tende a formular sínteses de orientação e método para dominar, de posse de categorias universais, o mundo. [...] Se, efetivamente, a verdade filosófica,

de direito e de natureza, é [...] apátrida, de facto, porém, enquanto pesquisa a formulação humana, ela situa-se, temporaliza-se e espacializa-se. Situando-se, participa da circunstância em que o homem, ao exprimi-la, vive. Temporalizando-se, é tocada pelas condições da terra em que o seu teorizador geograficamente vive [...] como obra do homem todo [...] que não é puro espírito [...] mas é um ser imerso no mundo, feito alma e corpo, e unitariamente realizado. [...]» (JF, CHFP, ob. cit., 402-403). Para João Ferreira são múltiplos e entrelaçados os níveis onde essa epifania filosófica efetivamente se enraíza e desenvolve: matriciais condições linguísticas e idiomáticas, individuais índoles psicológicas e temperamentais, dialéticas condições históricas e sociais, epocais espíritos da cultura (religião, arte e ciência) e imponderáveis metamorfoses da tradição. Na conjugada operatividade destes níveis se desenha o firmamento e afirmamento de «[...] uma alma portuguesa manifestada na filosofia e dum génio apolíneo humanista e espiritualista, característico da alma lusíada» (JF, CHFP, ob. cit., 417), dotada de atributos específicos e diferenciadores, que João Ferreira regista e consensa nos seguintes *topica* e respetivos defensores: 1. não há fundamento para o pressuposto de uma radical incapacidade filosófica portuguesa (Sant ' Anna Dionfsio, Vieira de Almeida, loel Serrão, Álvaro Ribeiro, Délio Santos); 2. existe um peculiar pensamento filosófico português (Álvaro Ribeiro, Rui Galvão, Vieira de Almeida); 3. a indigência especulativa do pensamento português é um falso mito (Délio Santos); 4. enfim, o pensamento português configura-se no essencial como descontínuo, aristotélico, espiritualista, humanista, saudosista, antipositivista, escolástico até Pombal, teológico, a-racionalista e ambivalente (Deltim Santos, José Marinho, Álvaro Ribeiro, A. Andrade, Délio Santos, Antonio Quadros). Já em solo brasileiro, por decisivo impulso de Agostinho da Silva (período compreendido

desde 1968 até ao presente), o porte hermenêutico da obra de João Ferreira distingue-se pelo labor criterioso com que empreende uma reflexão sobre os contornos filosóficos das teorias estéticas e literárias, designadamente o sentido de existência trágica na literatura lusófona, os contextos do pré-modernismo literário português e o nexos entre literatura e política, a presença e a influência de mitos, lendas e romances populares nas literaturas de Língua Portuguesa, continuando ainda fiel à diligente pesquisa tanto de temáticas que constituíram persistente preocupação teórica desde os primeiros tempos, tais a ideia e existência de Deus no contexto da filosofia portuguesa, as implicações etimológicas da exegese saudosista, assim como de pensadores que constantemente revisita, como Pedro Hispano, Jerónimo Osório, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Álvaro Ribeiro, José Marinho, entre outros.

BIBLIOGRAFIA

Obras do autor:

Presença do Augustinismo Avicenzante na Teoria dos Intelectos de Pedro Hispano, Braga, Ed. Franciscana, 1959

Curso de História da Filosofia Portuguesa (1960)

Existência e Fundamentação Geral do Problema da Filosofia Portuguesa, Braga (1965)

João Ferreira apresenta ainda vasta produção e colaboração escrita, disseminada em diversas publicações, de que, de entre as mais recentes, cumpre destacar sumariamente: *A condição artesanal da obra literária* (1974), *A aplicação dos métodos audio-visuais ao ensino da literatura* (1976), *A teoria estética em Fernando Pessoa* (1985), *Formulação histórico-crítica da estética não aristotélica segundo Álvaro de Campos* (1995);

A questão do pré-modernismo na literatura portuguesa (1996); A Contribuição da Filosofia para o entendimento do texto literário (1996).

Possui cerca de 200 trabalhos publicados, a maioria dos quais disseminados em periódicos portugueses de filosofia e cultura, como *Revista Portuguesa de Filosofia*, *Revista Filosófica*, *Filosofia*, *Itinerarium*, *Lumen*, entre outras, além de colaboração em antologias e enciclopédias, nomeadamente na *New Catholic Encyclopedia* (Nova Iorque), e sobretudo na *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, aqui integrando o corpo diretivo na qualidade de responsável pela vertente filosófica. A sua atividade estende-se ao universo jornalístico, das traduções (o *Dicionário de Política*, de Norberto Bobbio, é disso prova exemplar), encontrando-se, por ora, envolvido no projeto de um *Dicionário de Termos Literários*.